



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação

Gleica de Macedo Lopes

**Aurora e a Música: Processos de desenvolvimento da musicalidade de um
bebê.**

Brasília

2023

Gleica de Macedo Lopes

**Aurora e a Música: Processos de desenvolvimento da musicalidade de um
bebê.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Prof^a Dr^a Patrícia Lima Martins Pederiva e co-orientação da Prof^a Me. Viviane Vieira Alves de Melo.

Brasília

2023

TERMO DE APROVAÇÃO

Gleica de Macedo Lopes

Aurora e a Música: Processos de desenvolvimento da musicalidade de um bebê.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção de grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 05 de Outubro de 2023.

Aprovada pela banca formadas pelos professores:

Prof^a. Dr^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora

Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UNB)

Prof^a Mestre Viviane Vieira Alves de Melo (Coorientadora – GEPPE/UNB)

Prof^a Mestre Daiane Aparecida Araújo de Oliveira (GEPPE/UNB)

Prof^o Leandro José de Carvalho (Suplente – GEPPE/UNB)

Brasília

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com dados fornecidos pela autora

Nome: Gleica de Macedo Lopes

Título: Aurora e a Música: Processos de desenvolvimento da musicalidade de um bebê.

Orientadora: Patrícia Lima Martins Pederiva. – Brasília, 2023. 35 pg.

Co-orientadora: Viviane Vieira Alves de Melo.

Monografia (Graduação – Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2023.

Palavras chaves: Desenvolvimento, musicalidade dos bebês, perspectiva Histórico-Cultural.

Não há quem não feche os olhos ao cantar a música favorita.

Não há quem não feche os olhos ao beijar, não há quem não feche os olhos ao abraçar. Fechamos os olhos para garantir a memória da memória.

É ali que a vida entra e perdura, naquela escuridão mínima, no avesso das pálpebras. Concentramo-nos para segurar a dispersão, para segurar a barca ao calor do remo.

O rosto é uma estrutura perfeita do silêncio. Os cílios se mexem como pedais da memória.

Experimenta-se uma vez mais aquilo que não era possível.

Viver é boiar, recordar é nadar.

(Fabrício Carpinejar)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus: ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, sempre presentes em toda minha caminhada.

Obrigada aos meus pais, que sempre investiram em seus filhos, material e espiritualmente. Nos impulsionaram a ser e a dar o melhor de nós, com honestidade e humildade.

Obrigada ao meu amor, meu esposo Athos, minha inspiração e meu motivador pessoal. Ele acredita que sou capaz de fazer qualquer coisa e sempre me dá a oportunidade de tentar.

Obrigada as minhas filhas, Piêtra, Heloisa e Aurora. Que são minha fonte de inspiração mais pujante. Elas me impulsionam a querer ser melhor, e por elas mantive todas as forças para a conclusão do curso.

A minhas orientadoras, Prof.a Dra. Patrícia Pederiva e Prof.a Me. Viviane, pelas orientações, críticas e sugestões. Essas duas pesquisadoras/intelectuais contribuíram decisivamente para o meu amadurecimento intelectual e pessoal. Muitos de seus gestos me levaram a perceber o processo musical de forma diferente e a construir determinadas perspectivas importantes para o desenvolvimento desse trabalho.

RESUMO

Esse trabalho buscou à luz da Teoria Histórico-Cultural relatar e refletir sobre a relação da bebê Aurora com a música a partir dos meios sonoros de sua vivência. Para isso o trabalho foi feito por meio de observação e estudos das literaturas referentes a temática abordada e conclui-se que a musicalidade da bebê Aurora se desenvolveu por meio das relações estabelecidas com as pessoas e com o meio ao seu redor.

Palavras-chave: Desenvolvimento, musicalidade dos bebês, perspectiva Histórico-Cultural.

ABSTRACT

This work sought, in light of the Historical-Cultural Theory, to report and reflect on the relationship of the baby Aurora with music based on the sound means of her experience. To achieve this, the work was conducted through observation and studies of literature related to the addressed theme, and it is concluded that the musicality of baby Aurora developed through the relationships established with people and the environment around her.

Keywords: Development, musicality of infants, Historical-Cultural perspective.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. MEMORIAL INTRODUTÓRIO | 10 |
| 2. DESENVOLVIMENTO DA MUSICALIDADE DA BEBÊ AURORA | 15 |
| 2.1 Experiências sonoras e musicais da Bebê Aurora | 18 |
| 2.2 Desenvolvimento da musicalidade desde o ventre | 25 |
| 2.3 A bebê Aurora e a disciplina Educação Musical | 29 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 33 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 35 |

1. MEMORIAL INTRODUTÓRIO

Meu nome é Gleica de Macedo Lopes, tenho 32 anos. Nasci na cidade de Tucuruí, interior do Estado do Pará, em 06 de dezembro de 1990. Depois do meu nascimento, moramos por 8 anos na cidade de Novo Repartimento-PA, depois disso meus pais seguiram rumo ao Tocantins, pois eram missionários da igreja protestante.

Venho de uma família humilde, meus pais Lucilândio Leal (in memorian) e Odete sempre se dedicaram oferecendo uma boa educação alicerçada na ética, na moral e na fé para mim e meus irmãos, Gabriel e Luciana. Estudamos sempre em escolas públicas, porém meus pais sempre buscando escolas de boa referência nas cidades em que estávamos.

Meus pais, além de missionários, eram professores da rede pública. Quando entrei na escola aos 5 anos, já sabia ler, pois minha mãe já havia me ensinado em casa, visto meu interesse por livros. Quase sempre estudei em escolas que minha mãe lecionava. Frequentávamos a igreja, onde tínhamos a Escola Bíblica Dominical (EBD). Lembro-me que na EBD ouvíamos as histórias da bíblia e cantávamos muito. Minhas principais memórias com a música são desse tempo.

Ainda na igreja, meus pais faziam parte do coral. Boas lembranças das canções que tocavam a alma fazendo até mesmo lágrimas descerem aos olhos. Meu pai possivelmente era barítono, minha mãe sem dúvida era uma voz soprano. Música em nossa casa era constante, como também no carro em viagens ou até mesmo em uma ida para a escola.

Comecei a cantar desde cedo, minha mãe colocava a fita no som, eu ouvia, repetia, voltava a fita, escrevia a letra da música, e decorava a canção; depois, cantava na igreja. Uma lembrança que me faz rir, é que minha mãe sempre deixava a fita no momento certo da música, lembro dela dizendo: "Gleica, entrega a fita desse lado, de bundinha pra baixo" (risos), tempos bons.

Ainda criança, no Tocantins, com mais ou menos 8 anos de idade, conheci meu esposo. Os pais dele também eram missionários. Naquele tempo ele já cantava na igreja, e tempos depois, aprendeu a tocar alguns instrumentos. Seus pais também eram integrantes do coral da igreja. Ficamos alguns anos sem nos ver, nos reencontrando no DF tempos depois e nos casamos.

Aproveitei bastante minha infância. Amava brincar com minha irmã de “cultinho”, onde imitávamos nossos pais ensinando na igreja e na escola, eu amava ser a professora. Lembro que em algumas cidades que moramos, eu escrevia cartas para os pais das crianças da vizinhança, pedindo permissão a eles para que ensinasse seus filhos no horário contrário ao que eles iam para a escola. Os pais achavam interessante e enviavam seus filhos para a minha casa, onde eu ensinava a ler, fazer conta e cantar “musiquinhas”, isso com apenas 9 anos de idade.

Como meus pais eram missionários, por muitas vezes saíamos de uma escola no meio do ano letivo, entretanto, eu e meus irmãos nunca tivemos problemas com as matérias. Essa peregrinação durou até que chegamos no DF em 2004. Meus pais buscavam por mais estabilidade e queriam um bom futuro para os filhos. Em Brasília poderíamos fazer uma boa Universidade e seguir uma vida mais tranquila e próspera.

Mesmo estudando por toda minha vida em escolas públicas, sempre ouvi dos meus pais sobre meu potencial de frequentar uma Universidade Pública, então, desde sempre, meu foco era entrar na Universidade de Brasília (UnB). Eu também ouvia dos meus professores: “Você será aluna da UnB, sem dúvida”. Isso nutriu meus sonhos, e fortaleceu minha caminhada.

Sempre tive o incentivo e apoio dos meus pais em tudo, principalmente nos estudos. Meu pai costumava dizer que eu poderia ser o que eu quisesse, se somente me dedicasse a ser a melhor naquilo que eu escolhesse. E mesmo eu sempre gostando de brincar de dar aulas, ser professora, ensinar, eu observava a vida sofrida que meus pais tiveram sendo professores, era como se eles dissessem, seja tudo, menos professora.

No ensino médio, já planejando a entrada na universidade, eu costumava fazer teste vocacionais, pesquisar carreiras de sucesso. Meu pai dizia que eu tinha cara de médica. (Risos)

Sempre me destaquei na escola. Amava ler, assim me destaquei como melhor leitora da escola, sendo convidada até mesmo para as feiras de livros, onde os bibliotecários escolhiam os livros para a biblioteca da escola. Me destacava também nas disciplinas de exatas, com essa facilidade, comecei a voltar meus olhos para os cursos de Engenharia, também admirava muito a irmã de minha mãe, que cursava

Engenharia da Computação. Então, era isso, me tornaria uma engenheira, profissão de sucesso, bem reconhecida e promissora.

No ano de 2009, prestei meu primeiro vestibular para a UnB. Curso Engenharias, no mais novo campo FGA (Faculdade do Gama). Esse primeiro vestibular eu já tinha me conscientizado que era apenas um teste, eu precisava conhecer como era a prova e como me preparar para passar realmente. Mas, para minha surpresa, quando saiu o resultado: APROVADA. Um sonho realizado, primeira da família a entrar em uma Universidade Pública.

Nessa época, meus pais estavam morando em Santo Antônio do Descoberto, cidade do Entorno do DF. Por conta da distância, eu precisava me mudar para o Gama se quisesse cursar a Universidade. Por sorte, uma tia minha morava no Gama com outra amiga, e eu me juntei a elas. Nunca havia ficado longe dos meus pais, mas segui confiante de que tudo ficaria bem. E claro, meus pais sempre me impulsionando.

A FGA ainda estava em seus primeiros passos como Universidade, se não me engano eu estava entrando na terceira turma, passei a conhecer todos os alunos, calouros e veteranos mantínhamos uma relação de amizade. A Faculdade ainda não tinha seu próprio espaço físico de funcionamento. Comecei a estudar em salas do Antigo Fórum do Gama. Nos semestres seguintes tendo aulas em escolas diferentes pela cidade, SESC e até mesmo no estádio Bezerrão.

Tenho lembranças de aulas no estádio, onde nos intervalos ficávamos olhando os gramados sendo molhados. Por vezes não acreditava que estava realizando meu sonho, mais que o curso, eu estava na UNB, só agradecia a Deus por poder estar ali, uma menina de família humilde no meio de muitos que tinham estudado em escolas particulares e de grande renome, mas eu também estava lá.

Sempre tive que estudar mais que todos, pois as matérias básicas, que a maioria estava apenas revisando, eu nunca tinha visto na vida. Uma “derivada” que era algo banal para meus colegas, pra mim era um bicho de sete cabeças, não sabia nem pra onde ir. A melhor aluna do ensino médio, a melhor em exatas, com muito esforço, se tornou a mediana na Universidade.

O combinado era que todo final de semana e feriados eu voltasse para estar em casa com meus pais, entretanto no início, senti a necessidade de ficar no Gama. Precisava de todo o tempo possível para aprender as matérias. Finais de semana,

feriados, lá estava eu, na biblioteca do Gama, correndo atrás do que era banal pros outros e difícil pra mim. Minha família sempre achou que eu estudava demais, lembro do meu pai mandando eu parar de estudar para ir dormir. Mas no curso de Engenharia eu aprendi o que realmente era estudar (escrevo em risos).

Engenharia é um curso Diurno, então, estudava de manhã e tarde e logo que chegava no apartamento eu apenas comia algo e já ia para os livros, virando madrugadas, tendo que acordar no outro dia razoavelmente cedo para as aulas. Fui nesse ritmo até o quinto semestre, aprendi a valorizar um MM (Média Mínima), aprendi a conviver com professores que nem ao menos sabiam meu nome (salas com mais de 80 alunos).

Entrar na Engenharia era um sonho, porém, nos corredores da universidade o que mais se repetia era “Entrar na UnB é fácil, quero ver sair formado”. E aquilo virou uma verdade para mim. Muitos professores sem empatia, exigências exacerbadas, muita pressão. Meu desempenho caiu bastante. O Sonho tinha virado um grande pesadelo, eu só pensava em não desapontar meus pais, precisava continuar.

Em 2014, o ano em que eu deveria estar me preparando para a formatura, eu estava perdida nos semestres, talvez cursando o oitavo com o pé no sétimo semestre. Então, o que eu mais temia me aconteceu. Em uma de suas viagens, meu pai, um dos meus maiores apoiadores, faleceu, meu chão caiu. Ainda era início do ano, um novo semestre e eu disse pra mim mesma que eu faria aquele semestre pelo meu pai.

Entretanto, não foi assim que aconteceu. Como meu psicológico já estava abalado, peguei o mínimo de créditos e no meio do semestre eu já não aguentava mais. Busquei ajuda psicológica e fui diagnosticada com “síndrome do abandono”, me fazia ter náuseas, dores de cabeça sem fim e coração acelerado. Assim, peguei laudos e tentei trancar a faculdade, mas não foi possível, perdendo todo aquele semestre e subsequentemente sendo jubilada.

Naquele tempo, eu namorava com o Athos Pinheiro (Meu marido, atualmente). Ele me ajudou bastante a superar a morte do meu pai e a saída da Universidade. Cuidei do meu emocional, e ainda no mesmo ano entrei em um programa de curso técnico do Governo Federal, o PRONATEC. Como não havia me formado em Engenharia Eletrônica, fiz Técnico em Eletrônica.

Em 2015 me casei e tive minha primeira filha, Piêtra. Meu esposo e eu montamos uma banda com amigos e cantávamos nas igrejas. Desde o ventre, Piêtra passou a ouvir muitas canções, o papai músico fez uma melodia no piano especialmente para ela. Toda vez que ela se agitava no ventre, ele tocava a canção e ela se acalmava. Ao nascer, sempre colocávamos peças de música clássica para que ela ouvisse. Nos ensaios com a banda, ela era nosso termômetro, sempre que algo estava desafinado ela chorava bastante (risos).

Com um aninho de idade, Piêtra já cantava sozinha na igreja, e já tinha habilidades com seu violãozinho, na época de brinquedo. Acompanhava certinho os compassos e ritmos das canções. Mais tarde, ganhou seu primeiro instrumento de verdade, o Ukulele. Também gostava bastante dos instrumentos de percussão, como a bateria. Como seu pai toca vários instrumentos, desde cedo ela pode ter contato com eles, como bateria, teclado, violão, baixo, escaleta.

No ano de 2017, tivemos nossa segunda filha, Heloísa. Assim como Piêtra, passou a ouvir música desde o ventre e o papai também fez uma canção para ela. Ao nascer, tentamos criar o hábito de colocar ela para dormir com músicas, assim como sua irmã, porém ela não gostava muito, preferia o silêncio. Demorou um pouco mais para falar, mas já conseguíamos perceber suas habilidades musicais. Amava os instrumentos de percussão. Aos 3 anos começou a tocar bateria sozinha.

Meu esposo era professor de música, e fazia ação social na igreja ensinando crianças. Como as meninas amavam estar com ele, toda aula ele as levava. Elas ficavam observando detalhadamente o que o pai ensinava as outras crianças, e quando terminava as aulas elas reproduziam o que tinham visto. E assim, foram crescendo e se desenvolvendo, apaixonadas pela música.

Em 2021 decidi tentar voltar para a Universidade. Mesmo saindo da UnB, sempre mantive vínculos lá dentro, fazia projetos de Engenharia, mas agora eu queria voltar a realmente estudar. Então, tentei realizar meu sonho antigo de ser professora, agora faria pedagogia. Todos os anos eu fazia ENEM, então me escrevi na Universidade Católica, na UNICEPLAC, na UnB e no Instituto Federal de Brasília-IFB (Aqui tentaria fazer matemática). Para minha surpresa, passei em todas, mas tive que escolher apenas uma, e voltei para a UnB.

No mesmo ano, engravidei da minha terceira filha, Aurora. Colocava canções para que ela ouvisse no ventre, e ela tinha diversos movimentos com os diferentes

tipos de canções. Durante a gravidez, dei início na UnB, mais especificamente na Faculdade de Educação – FE. Mesmo em meio a uma pandemia, tendo que ter aulas online, estava extremamente empolgada e confiante. Primeiro semestre foi concluído com sucesso, então a Aurora nasceu. Em nossa casa era só alegria.

A maternidade me trouxe desafios e a oportunidade de observar a bebê Aurora, bem como refletir sobre o desenvolvimento da sua musicalidade. O intuito é apresentarmos, no presente trabalho, o resultado das observações da Aurora e suas vivências sonoras, na família, na igreja e na disciplina Fundamentos da Linguagem Musical¹. Como objetivo principal, **pretendo refletir sobre o desenvolvimento da musicalidade da bebê Aurora, a partir do seu espaço familiar, da igreja e da sua participação na disciplina Educação Musical.**

2. DESENVOLVIMENTO DA MUSICALIDADE DA BEBÊ AURORA

Ao recordar os momentos da gravidez de Aurora, vem uma nostalgia em minha alma. Eu me sentava na sala e colocava algumas canções, entre elas sempre havia as clássicas como Beethoven, Mozart e Bach. Nutria em meus pensamentos, que se desde o ventre ela ouvisse esse tipo de música, faria com que seu cérebro fosse potencializado e sua capacidade intelectual fosse aumentada.

No final de 2021, Aurora nasceu, uma bebê linda e saudável. Para Martinez e Pederiva (2020, p. 199 – grifo das autoras) a “**família**, na maioria das vezes, é o primeiro **grupo social** que os bebês se relacionam no mundo dos seres humanos”. Dessa forma, como família, ao chegarmos em casa com a bebê Aurora, assim como fizemos com as nossas outras filhas, tentamos organizar o ambiente e montarmos uma rotina, inclusive para suas horas de sonecas. E lá estavam as canções clássicas contribuindo para um ambiente de relaxamento. Como primeiro grupo social da Aurora, oferecemos oportunidades para que ela tivesse, desde recém-nascida, experiências sonoras e musicais. Assim, desde muito cedo, percebemos o interesse dela pelos sons de cordas friccionadas como do violino e violoncelo. Ela sempre reagia positivamente a esses timbres dessa família de instrumentos.

¹ Fundamentos da Linguagem Musical é o nome da disciplina no programa. Entretanto, em uma das aulas, a professora Patrícia Pederiva explicou que se tratava de Educação Musical. Por isso, a partir daqui ao falarmos da disciplina usaremos o nome Educação Musical.

Depois de 6 meses de vida, Aurora começou a interagir com os sons de percussão. Íamos para a igreja e ao ouvir o som da bateria ela ritmava o som com as mãos, movimentava o corpinho para frente e para trás na pulsação da música. Em casa, percebemos que ao ouvir qualquer música, ela tinha as mesmas ações. Sempre muito participativa quando envolvida pelos sons.

Em junho do ano de 2022, as aulas da UnB voltaram a ser presenciais. Desde então passei a enfrentar alguns desafios, sendo que o principal foi ter que conseguir conciliar, casa, filhos, marido, igreja e a faculdade. De início, cursei disciplinas apenas no período noturno, e posteriormente tive aulas no vespertino também. Como a Aurora ainda era um bebezinho, seguia comigo rumo a Universidade, vencendo as duas horas de ônibus de ida mais duas horas de volta para casa.

Quando estava no terceiro semestre, uma colega comentou sobre uma disciplina que estava fazendo: Educação Musical. Seus olhos brilhavam em falar da matéria e mais ainda quando se referia a professora Patrícia Pederiva. Ela comentou com tristeza que a disciplina corria o risco de acabar e que a professora estava em processo de aposentadoria. Fiquei triste, eu queria muito fazer aquela disciplina com a professora, Patrícia Pederiva.

Abrindo as matrículas do quarto semestre, corri para ver se a matéria continuava e se a professora ainda estaria com ela. Minha maior alegria daquele semestre foi abrir a página de matrícula e a tão aguardada oferta da disciplina estava lá, e o melhor, com a professora Patrícia. Para minha surpresa, também abriram uma nova turma, porém com a professora Daiane de Oliveira. Tentei me escrever na turma da professora Patrícia, tão bem falada, mas não consegui. Porém, a mesma colega que havia me falado da matéria e da professora me disse que a professora Daiane de Oliveira era aluna da professora Patrícia. Então, pensei, deve ser maravilhosa também. Consegui me matricular na turma da professora Daiane.

O quarto semestre começou e mais surpresas boas. As duas professoras juntaram as turmas. Assim, cursamos a disciplina com a condução de duas professoras maravilhosas. Lembro que no primeiro dia de aula eu cheguei, com a Aurora no colo, e tive uma recepção muito calorosa por parte da professora Patrícia Pederiva. Ela veio até nós e com um lindo sorriso disse “Bem-vinda a esse espaço, que é o seu espaço. Criança tem preferência aqui. Você pode entrar e sair quando achar que deve”. A professora citou o artigo 227, caput, da Constituição Federal

Brasileira (1988) que assegura à criança, com absoluta prioridade, o direito a participação na vida familiar e comunitária. Uau, já me senti pertencente aquele lugar, sem medo de que minha filha chorasse e atrapalhasse. Durante as aulas, eu só conseguia olhar a professora, suas ações tão únicas, e escutar cada palavra de sabedoria. Ela era mais que uma professora, era alma, coração, humana.

Nas aulas da disciplina Educação Musical a Aurora tinha liberdade de expressão. Ela observava o decorrer das aulas, seus olhinhos brilhavam ao ver cada instrumento demonstrado ali e os sons que saíam dos mesmos. Por volta dos seus 9 meses de vida, começou a fazer solfejo rítmico com os sons na boca “tum pa, tum pa”. E com o passar dos dias foi ficando mais complexo, ao ponto de ela ouvir uma canção e começar reproduzir a pulsação da bateria com a boca. Aprofundaremos a análise da interação da bebê Aurora com a disciplina Educação Musical na seção 2.3.

Na igreja, Aurora interagia com todas as canções, mas gostava mesmo era de ficar perto da irmã Heloísa que tocava bateria. Em casa, em seus momentos de estresse e choro, a irmã Pietra vinha com o instrumento Ukulele e a Aurora logo abria um sorriso e, balançava as perninhas, bem como os bracinhos.

Quando fez 1 aninho de idade, Aurora já queria fazer parte do momento de louvor na igreja, chorava para tocar algum instrumento. Então, demos um microfone para que ela sentisse que fazia parte da equipe. Foi a realização dela. Até os dias de hoje, na hora do louvor, ela pega o microfone e fica do lado da mamãe, balbuciando algo que se parece a canção cantada. Depois ela anda pelos instrumentos querendo tocar também (risos).

Atualmente, Aurora só dorme ouvindo música, e tem que ser *Air on the G Strings* de Bach. Continua solfejando ritmos de qualquer música com a boca, e não pode ver um objeto que se pareça um microfone ou percussão que logo pega e começa a tocar. Além disso, seu pai trabalha atualmente com musicalização infantil, toda semana apresenta um instrumento, atividades sensoriais diferentes, explorando, ampliando sua percepção auditiva e sensorial. O intuito da próxima seção é relatar experiências musicais da bebê Aurora.

2.1 Experiências musicais da bebê Aurora.

Ao observar e refletir sobre essas experiências, algumas delas relatadas no memorial, percebi em minhas filhas, desde cedo, a relação do desenvolvimento da musicalidade delas e a expressão dessa musicalidade, por meio da percepção auditiva e sensorial. Para Oliveira e Pederiva (2021, p. 22)

reconhecer a existência da musicalidade dos bebês é importante para compreender a musicalidade das crianças nos outros momentos da infância, entendendo que a sua gênese acontece ainda na gestação e, logo após ao nascimento, as possibilidades de seu desenvolvimento ampliam-se nas relações com outros seres humanos.

Conforme foi dito anteriormente, como objetivo principal desse trabalho, pretendo refletir sobre o desenvolvimento da musicalidade da bebê Aurora, a partir do seu espaço familiar, da igreja e da sua participação na disciplina Educação Musical. O foco principal, são as relações sociais e a exploração de instrumentos diversos.

Para tanto, cito John Blacking (2000) que alerta sobre as contradições entre as correntes de pensamento que não conseguiram alcançar um entendimento mútuo sobre a natureza da musicalidade. Por exemplo,

Quando a escola Gestalt insiste que o talento musical é mais do que um conjunto de atributos específicos dependentes de capacidades sensoriais, está correta; mas apenas parcialmente correta, pois seu todo não se estende à cultura da qual a música faz parte. Quando os opositores da escola Gestalt atribuem importância primordial às capacidades sensoriais, eles também estão corretos, pois sem certas capacidades específicas, a música não poderia ser percebida nem executada (Blacking, 2000, p. 5 – tradução nossa).

Ao apontar tais contradições o autor previne da inexistência de um acordo na psicologia sobre a natureza da musicalidade, mas traz um aspecto importante que colabora para o entendimento de como acontece o desenvolvimento da musicalidade: a cultura da qual a música faz parte. A música não pode ser separada de seu contexto cultural mais amplo. O autor afirma ainda que

sem processos biológicos de percepção auditiva e sem acordo cultural entre pelo menos alguns seres humanos sobre o que é percebido, não pode fazer música na comunicação musical (Blacking, 2000, p. 9).

Assim, a habilidade técnica não deve ser priorizada em detrimento da participação ativa da pessoa e da expressão cultural que acontece nas relações sociais. Para Blacking (2000) não há um número limitado de pessoas musicais ou a concepção de que algumas são mais musicais que outras, ou seja, todos os seres humanos são musicais. Essa afirmativa me faz lembrar da primeira aula com a professora Patrícia Pederiva, que fez os seguintes questionamentos para a turma: “Quais suas experiências musicais? Você se considera musical?”. A maioria dos alunos, incluindo a minha pessoa, convidados a pensar, responderam que não são musicais, por não tocar nenhum instrumento. Em um primeiro momento, a professora não rebateu a fala, apenas pediu para que guardássemos, de forma escrita, essas afirmativas. Durante todo o semestre, diante dos diversos aprendizados sobre musicalidade, nossas afirmativas “negativas” sobre nossas experiências musicais, foram se transformando. Percebemos que as experiências sonoras envolvem todos os sons que percebemos ao nosso redor, na cidade, na natureza, na sala de aula, em todos os espaços vivenciais. Ao final da disciplina, pude perceber que todos os estudantes daquela sala, mesmo os que tinham negado, são musicais.

Segundo Blacking (2000), a capacidade de compreender, criar e se envolver com a música está presente em todas as pessoas, independentemente de sua formação musical ou habilidades técnicas. Ele acreditava que a musicalidade é uma capacidade inerente ao ser humano, desenvolvida por meio da interação com o ambiente sonoro desde o nascimento. O autor argumenta ainda que a música é uma forma de comunicação universal, transcendendo barreiras linguísticas e culturais. Além disso, ele enfatizava que a musicalidade não se limita apenas à execução de instrumentos ou ao canto, mas também inclui a percepção, apreciação e expressão musical.

Ao entender que todos os seres humanos são musicais, Blacking (2000) rejeitava a ideia de que apenas indivíduos com treinamento formal ou talento excepcional podem se envolver e apreciar a música. De maneira semelhante, Pederiva (2009, p. 13) afirma que

a crença no mito do dom musical, no dom de poucos e para poucos, implica, desta forma, um distanciamento entre seres humanos e a música. Gera descrença nas possibilidades humanas e, assim, a exclusão.

As percepções de Blacking e Pederiva nos lembram que a musicalidade é uma parte intrínseca da nossa natureza humana e está presente em todas as pessoas, independentemente de sua formação musical ou habilidades técnicas específicas.

Para Vigotski (2012, p. 264) “a realidade social é a verdadeira fonte de desenvolvimento, a oportunidade de que o social se transforme em individual”. Assim, em sua teoria histórico-cultural, ele enfatiza que o desenvolvimento humano ocorre por meio da relação social e da vivência com o ambiente cultural.

Ainda segundo Vigotski (2018), o desenvolvimento da criança acontece na relação com os demais, em um contexto social específico. O meio é a fonte de desenvolvimento das “características e qualidades especificamente humanas” (Vigotski, 2018, p. 90). Pode-se considerar que organizar o meio de uma forma que possibilite ao bebê, que é um ser musical, o contato com estímulos sonoros, melodias e ritmos, tem um papel fundamental no desenvolvimento da sua musicalidade.

Sobre os conceitos citados nesta parte do texto, tenho uma experiência pessoal para contar. Sempre vi meu esposo, como professor de música, desmistificar para os seus alunos de que tocar um instrumento é apenas para aqueles que têm um dom. Ele dizia aos que pensavam assim que a música pode ser vivenciada por todos, desde que essa pessoa queira. Entretanto, em meus pensamentos, me indagava: por que era mais fácil para alguns do que para outros? Agora, ao participar da disciplina da professora Patrícia e estudar a Teoria Histórico-Cultural, bem como os textos propostos e outras leituras que escolhi, acredito que a resposta para aquela pergunta é que depende da unidade da pessoa com o meio que vive e de suas experiências. Essa conclusão está ligada ao conceito **vivência**, que perpassa toda a Teoria Histórico-Cultural vigotskiana.

Vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo, que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso (Vigotski, 2018, p. 78 – grifo do autor).

Por isso, ao refletirmos sobre o desenvolvimento da musicalidade da bebê Aurora partimos das suas vivências sonoras com a música estabelecidas na relação com o meio – família, igreja, disciplina Educação Musical. Partindo desta compreensão ainda me pergunto: Será que crianças expostas à música durante o primeiro ano de vida têm maiores possibilidades de desenvolver a musicalidade do que crianças não expostas? Prosseguindo na busca por respostas, sigo fundamentando-me na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski.

Para Vigotski (2021, p. 33), “a criança faz algo com auxílio do adulto ou de outra criança e, ao final, poderá fazer sozinha”. Por isso, o adulto desempenha um papel importante no processo de educação da criança. No caso da musicalidade o adulto assume o papel de organizador do ambiente proporcionando experiências musicais significativas para o bebê. Isso pode incluir cantar canções de ninar, tocar instrumentos musicais simples, dançar ao som da música, explorar diferentes sons e ritmos juntos. A relação com os adultos possibilita o bebê desenvolver habilidades musicais e a compreender o contexto cultural no qual a música está inserida.

Para Pederiva (2009, p. 69),

a música faz parte da vida. Independente do com que nos relacionemos com ela, seja cantando, tocando algum instrumento, criando, ouvindo, ela existe em nossas vidas, quase que de modo onipresente. Estilos diversos convivem em uma sociedade multifacetada, em meio à pluralidade de gostos, de maneiras de organizar o material sonoro e em meio às peculiaridades culturais existentes em cada lugar do planeta.

Dessa forma, a música é inerente a experiência humana. Presenciei a trajetória das experiências da Aurora com a música, desde a gestação, em ambientes de convivência – em casa, na igreja e nas aulas de Educação Musical – que possibilitaram a ela vivências sonoras. Percebi que, por meio das relações sociais, da exploração, percepção e manipulações de instrumentos, a musicalidade dela, que já era uma possibilidade, se desenvolveu. Segundo Martinez e Pederiva (2020, p. 17),

a musicalidade é toda possibilidade que o ser humano possui de vivenciar o universo sonoro, percebendo, experimentando, expressando, imaginando, criando e organizando os sons possíveis

de serem captados, produzidos e manipulados, sons do próprio corpo, da natureza, do meio social e cultural

Isto posto, considero que desde a gestação a bebê Aurora teve a possibilidade de perceber a música criada por meio dos sons organizados em sequências significativas: timbre das vozes, melodias, instrumentos musicais, e outros. Depois de nascer, ela continuou a ter oportunidades de experimentar a música por meio de vivências sonoras na família, na igreja e durante a participação na disciplina Educação Musical. A partir disso, ela demonstrou indícios de percepção, experimentação, criação e organização por meio das palmas ritmadas, do balançar do corpo, ao acalmar e dormir ouvindo música. Dessa forma, baseada na observação das experiências da bebê Aurora, penso que a resposta para a pergunta: Será que crianças expostas à música durante o primeiro ano de vida têm maiores possibilidades de desenvolver a musicalidade do que crianças não expostas? É sim, porque a musicalidade, como possibilidade humana, se desenvolve na cultura e nas relações sociais.



Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

2.2 Desenvolvimento da musicalidade desde o ventre.

A influência da música e outras formas de estímulos sensoriais no desenvolvimento fetal tem sido um tópico de interesse e pesquisa, por vários campos da ciência como a educação de crianças, ao longo dos anos. Estudos sugerem que o feto é capaz de perceber sons e sensações externas por volta do terceiro trimestre da gravidez. Nessa fase, o sistema auditivo do feto já está razoavelmente desenvolvido, permitindo que ele reaja a sons do ambiente externo e, possivelmente, ao som da voz da mãe. Acredita-se que a música, em particular, possa estimular o sistema auditivo e possivelmente ter efeitos benéficos no desenvolvimento do cérebro do bebê. Segundo Ilari (2002, p. 84),

O ouvido humano se desenvolve por volta do 22^o (vigésimo segundo) dia de gestação, mas passa a ter função somente a partir da 25^a (vigésima quinta) semana de gravidez (Woodward et al., 1992). Contudo, é a partir da 32^a (trigésima segunda) semana de gestação que o feto tem o sistema auditivo completo e escuta relativamente bem, ainda dentro do útero.

Durante o período de gestação da bebê Aurora, eu, como mãe, o pai, as irmãs e outras pessoas do convívio, estabelecemos um vínculo constante com ela. Nos comunicávamos, regularmente, por meio da fala e de canções. Essa prática resultava, frequentemente, em movimentos perceptíveis por parte da Aurora ainda no útero. Ao nascer, a Aurora demonstrou notável calma quando exposta à minha voz e à voz do pai, cuja frequência e entonação eram familiares devido às interações pré-natais. Além disso, ela apresentou comportamento de direcionamento do olhar e da cabeça em direção à fonte da minha voz, sugerindo um possível reconhecimento auditivo.

O olhar atento do bebê demonstra que ele está alerta às vozes entoadas. Logo o bebê emitirá seus primeiros sons na tentativa de imitar as vozes que escuta e, também, em uma experimentação das capacidades sonoras de seu próprio corpo – no caso da boca –, estalos, balbucios, entre outras possibilidades de experimentação sonora, usando a língua e lábios (Martinez; Pederiva, 2017, p. 102).

Além disso, observei momentos em que Aurora manifestava uma clara preferência por vozes familiares, virando o pescoço e direcionando sua atenção para

as vozes conhecidas, em particular à voz do pai e da irmã mais velha (Piêtra). Os relatos que apresento são indícios da importância das interações vocais intrauterinas na criação de um vínculo entre os familiares e o feto, além de indicar que o reconhecimento vocal pode persistir após o nascimento, influenciando a resposta comportamental inicial do bebê.

Sobre a importância da experiência auditiva que os fetos vivenciam durante a fase intrauterina Brito (2003, p. 35) destaca que:

[...] na fase intrauterina os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para eles.

Em resumo, esses sons fornecem aos bebês um contexto sonoro constante e familiar, que contribui para sua primeira experiência auditiva. A citação da autora ressalta que os bebês em desenvolvimento no útero não estão apenas imersos em uma variedade de sons internos do corpo materno, mas também são sensíveis às vozes e aos sons externos, em especial à voz materna. Essa voz desempenha um papel significativo na formação das primeiras conexões emocionais e auditivas do bebê com o mundo exterior. Um aspecto fundamental, destacado por Brito (2003), é a voz materna como um "material sonoro especial" e um ponto de referência afetiva para os fetos. A voz da mãe é uma das primeiras fontes externas de som com as quais o feto entra em contato, sendo transmitida por meio das vibrações sonoras que alcançam o útero. A voz materna não apenas oferece um estímulo auditivo, mas também é associada a sentimentos de conforto, segurança e conexão emocional, devido à sua presença constante ao longo da gestação.

Para Oliveira e Pederiva (2021, p. 23),

uma das maneiras dos bebês relacionarem-se com a cultura humana, e desenvolverem-se musicalmente, é por meio da fala de outras pessoas com eles. A fala, seja de um familiar ou de uma professora ou professor, guia o comportamento dos bebês, ainda que no início da vida o bebê não atribua sentido aquilo que ouve. Nesse primeiro momento o bebê relaciona-se por meio das vivências emocionais e sonoras e, posteriormente, passa a atribuir significado ao que ouve.

Desde a gestação, o ambiente social familiar foi organizado de maneira que foram proporcionadas vivências emocionais, sonoras e musicais à bebê Aurora. Pode-se admitir que, por meio das relações, Aurora desde o ventre teve – e ainda tem – experiências musicais. A prática social que envolve sonoridades “é considerada como uma prática educativo-musical” (Oliveira; Pederiva, 2021, p. 23). Após o parto, é na relação com outras pessoas, na família, na igreja, em outros espaços convivenciais, que a possibilidade de desenvolvimento da musicalidade da bebê Aurora amplia-se. É sobre a relação dela com a disciplina Educação Musical que irei tratar na próxima seção.



Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

2.3 A bebê Aurora e a disciplina Educação Musical.

A Aurora foi bem-vinda, desde primeiro dia, na disciplina Educação Musical. Dessa maneira, durante o último semestre, tive a oportunidade única de observar de perto o desenvolvimento musical da bebê Aurora em nossas aulas. Inspirada na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, fiquei maravilhada com a maneira como Aurora desenvolveu sua compreensão e expressão musical.

No início, a Aurora demonstrou uma curiosidade natural pelos sons ao seu redor. Nas primeiras aulas, observei como ela se virava na direção dos instrumentos e ficava encantada com os sons produzidos. Para Vigotski (2021, p. 190)

a zona de desenvolvimento iminente da criança é a distância entre o nível de desenvolvimento atual, definido pela realização autônoma de tarefas, e o nível de desenvolvimento possível da criança, definido pela realização de tarefas que são resolvidas por ela com a orientação de adultos e em colaboração com companheiros mais aptos.

Assim, naquela fase inicial de frequência às aulas a bebê Aurora já demonstrava sinais de interesse e motivação para explorar o mundo sonoro apresentado. À medida que a Aurora foi exposta a uma variedade de instrumentos musicais, como chocalhos, tambores, e outros, seu envolvimento e participação tornou-se mais ativo. Pode-se admitir que a participação nas aulas criou a zona de desenvolvimento iminente que despertou e colocou em movimento na Aurora

uma série de processos internos de desenvolvimento que, no momento presente, são-lhes possíveis apenas na esfera das relações mútuas com as pessoas a sua volta e da colaboração com os companheiros, mas que, ao perfazer o caminho interno de desenvolvimento transformam-se, posteriormente, em patrimônio da criança (Vigotski, 2021, p.264).

Em um dado momento, a Aurora começou a agarrar os instrumentos com suas mãos pequeninas e a bater neles, descobrindo as diferentes qualidades sonoras que cada um produzia. Conforme as semanas passavam, notei um desenvolvimento importante da musicalidade da Aurora. Ela começou a imitar os sons que ouvia, tentando repetir os padrões que os estudantes faziam com os instrumentos. No auge das aulas, Aurora estava não apenas imitando, mas também explorando ativamente os instrumentos de maneira independente. Ele batia ritmos

com confiança e balançava os chocalhos em sintonia com a música. O nível de desenvolvimento atual da criança indica os resultados do desenvolvimento de ontem e é definido pela “resolução autônoma de tarefas” (Vigotski, 2021, p. 190) Pode-se admitir que a Aurora, conforme participava ativamente da disciplina com a colaboração dos adultos, passou a criar sons de maneira autônoma.

Sobre a criação e imaginação, Vigotski (2018) afirma que ao olhar para o comportamento do ser humano, de um modo geral, pode-se verificar dois tipos de atividade: reprodutiva e criadora. A atividade reprodutiva (ou da memória) tem como base orgânica a plasticidade da substância nervosa. O cérebro humano “mostra-se um órgão que conserva a nossa experiência anterior e facilita a sua reprodução” (Vigotski, 2018, p. 15). Primeiramente, quando começou a participar das aulas, a bebê Aurora agarrava os instrumentos que estavam diante nela e batia neles para produzir sons. Pode-se considerar que essas ações iniciais são indícios de que ela estava seguindo um modelo que assimilou anteriormente, uma vez que convivia com a música e os sons dos instrumentos musicais, no ventre, em casa e na igreja. Depois disso, a bebê Aurora passou a imitar e tentar repetir os sons padrões que ouvia os adultos fazerem com os instrumentos.

No que diz respeito a atividade criadora, o cérebro humano não apenas conserva e reproduz a experiência, mas também reelabora, de forma criadora, “elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento”. À medida que o semestre, avançava era perceptível por todos a mudança no comportamento da bebê. Ela não era apenas uma ouvinte passiva, mas sim uma participante ativa na criação de sons e ritmos. O surgimento da nova atividade, de criação – experimentar, criar, organizar os sons –, indica também o pleno desenvolvimento da sua musicalidade.

Em última análise, essa jornada musical durante as aulas de Educação Musical, guiada pelas queridas professoras Patrícia e Daiane, que possibilitou a ampliação das experiências musicais da Aurora não apenas destacou a possibilidade das crianças, desde a mais tenra infância, de se envolverem com a música, mas também demonstrou como o ambiente educacional e a relação social desempenham papéis cruciais no desenvolvimento da musicalidade.

Sob a lente teórica de Vigotski, tornou-se evidente que a música é uma linguagem poderosa, capaz de forjar conexões profundas e de promover o

desenvolvimento cognitivo e social, mesmo nos primeiros estágios da vida. Dessa maneira, é importante para o desenvolvimento do bebê o ambiente social e educacional seja organizado de maneira que respeite as experiências musicais pessoais e crie condições para ampliá-las.



Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente trabalho me permitiu, desde o memorial introdutório, reviver momentos e, principalmente, entender o desenvolvimento da musicalidade da Aurora, desde a mais tenra infância. A musicalidade da bebê Aurora se desenvolveu – e ainda se desenvolve – por meio das suas vivências sonoras desde a sua gestação. Ainda no meu ventre, a bebê Aurora esteve imersa no universo sonoro por meio dos sons que podiam ser captados: sons produzidos pelo meu corpo, pela minha voz, pelas vozes das pessoas, pelas músicas cantadas e reproduzidas, pelos sons dos instrumentos, da natureza.

Após o seu nascimento, Aurora continua sua vivência no universo sonoro: são sons captados em casa, na igreja, nas aulas da disciplina Educação Musical em que foi permitida, efetivamente, a sua participação ativa na imitação e na criação de sons.

Ainda sobre a disciplina, compreendi que experimentar e criar sons não significa apenas tocar um instrumento, ler uma partitura, aprender técnicas e possuir habilidades ou competências. Esse entendimento foi proporcionado pela teoria e constatado na prática. Ao final da disciplina, os graduandos (adultos), que hoje acertadamente se consideram educadores musicais, e a bebê Aurora apresentaram indícios de desenvolvimento da sua musicalidade. Assim, a Aurora, ainda bebê e sem nenhuma formação técnica, é um ser musical e desenvolve a sua musicalidade. Para Martinez e Pederiva (2020, p. 264),

Os bebês já nascem em um meio cultural constituído pelas mãos humanas repleto de sonoridades que agem diretamente no desenvolvimento da sua musicalidade.

Isto posto, por meio das observações e reflexões sobre as suas vivências sonoras pode-se considerar que a musicalidade da bebê Aurora, como possibilidade humana, se desenvolveu nas relações estabelecidas com as pessoas e com o meio ao seu redor. Assim, a musicalidade não é uma característica rara ou um dom encontrado em algumas pessoas. A musicalidade humana representa um campo repleto de possibilidades.

A minha expectativa é que este trabalho possibilite reflexões sobre o desenvolvimento da musicalidade dos bebês, e que mais autores escrevam trabalhos relacionados a essa temática.

No momento da apresentação deste trabalho me encontro grávida novamente. Gerar uma nova vida é uma dádiva, é maravilhoso sentir suas reações com sons diversos, perceber que se agita ou se acalma com determinadas melodias e vozes. O nome deste bebê é Israel. Ele ainda se encontra no meu ventre, mas sabemos que já acumula experiências sonoras e musicais. Israel, desde a gestação, vivencia o universo sonoro e sua musicalidade está em desenvolvimento.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACKING, Jonh. **How musical is man?** Seattle and London: University of Washington Press, 2000.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança.** Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis, 2003.

ILARI, Beatriz Senoi. **Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 7, 84-90, set. 2002.

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **Boneca que fala, boneca que canta: Experiências educativo-musicais na creche.** *Música na Educação Básica.* Londrina, v. 8, no 9, 2017.

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **A musicalidade dos bebês: Educação e desenvolvimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

OLIVEIRA, Daiane Aparecida A; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **Educação musical na infância: vivências sonoras na escola.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

PEDERIVA, Patrícia. **O corpo no processo ensino-aprendizagem de instrumentos musicais: percepção de professores.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Brasília: Universidade Católica de Brasília, Faculdade de Educação, 2005.

_____. **A atividade musical e a consciência da particularidade.** Tese (Doutorado em Educação). Brasília: UnB, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. **Obras Escogidas – IV.** Madrid: Machado Libros, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia.** Rio de Janeiro: e-papers, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento: Escritos de L.S. Vigotski.** São Paulo: Expressão Popular, 2021.